

# O ENSINO DA GEOGRAFIA NA ESCOLA MODERNA

## *TEACHING GEOGRAPHY IN THE MODERN SCHOOL*

Rodrigo C. Souza<sup>1</sup>  
Vera Cristina S. dos Santos Rocha<sup>2</sup>

### **Resumo**

O artigo tem como objeto de estudo a Escola Moderna de Ferrer y Guardia. A Escola Moderna funcionou em Barcelona nos anos de 1901 a 1902 e 1905 a 1906. O mundo, na virada do século XIX para o XX, passava por grandes transformações impulsionadas pelos ideais das filosofias Iluminista e Positivista. Os países da Europa experimentavam o crescimento da industrialização e da produção em escala e enfrentavam as mazelas sociais inerentes à acumulação do capital. Surgem assim, em contraponto à lógica capitalista, os movimentos socialistas, dos quais Karl Marx é o maior expoente. Porém, a escola filosófica anarquista também merece notoriedade por seus princípios libertários e antiautoritários. Os anarquistas tinham especial interesse na questão educativa, pois entendiam que ela seria a ferramenta e o meio de alcançar seus objetivos revolucionários. A Escola Moderna foi uma das muitas escolas libertárias e anarquistas que surgiram no mundo no início do século XX. Assim este trabalho pretende, com o estudo dos fundamentos filosóficos anarquistas e libertários, compreender a prática da disciplina de geografia na Escola Moderna, oferecendo aos educadores contemporâneos um melhor entendimento sobre práticas educativas mais humanas e libertárias na docência dessa disciplina. A pesquisa tem caráter bibliográfico, foi referenciada em livros, repositórios científicos e *sites* especializados nesse tema. Aqui pretende-se demonstrar que as práticas da Escola Moderna, relacionadas às aulas de geografia, até hoje são valiosas para educadores comprometidos com valores humanistas.

**Palavras-chave:** ensino da geografia; educação libertária; Ferrer y Guardia; Elisée Reclus; Piotr Kropotkin.

### **Abstract**

The article focuses on the Modern School of Ferrer y Guardia. The Modern School operated in Barcelona from 1901 to 1902 and from 1905 to 1906. At the turn of the 19th to the 20th century, the world was undergoing major changes driven by the ideals of the Enlightenment and positivist philosophies. European countries were experiencing the growth of industrialization and large-scale production and were facing the social problems inherent in the accumulation of capital. As a counterpoint to capitalist logic, socialist movements emerged, of which Karl Marx was the greatest exponent. The anarchist philosophical school is also known for its libertarian and anti-authoritarian principles. Anarchists were particularly interested in education, seeing it as a tool and a means to achieve their revolutionary goals. The Modern School was one of many libertarian and anarchist schools that sprang up around the world in the early 20th century. Thus, by studying anarchist and libertarian philosophical foundations, this study aims to understand the practice of geography in the Modern School and to offer contemporary educators a better understanding of more humane and libertarian educational practices in teaching this subject. Books, scholarly repositories, and specialized Websites form the basis of this research, which is bibliographic in nature. The aim is to show that the practices of the modern school in relation to the teaching of geography are still valuable today for educators committed to humanist values.

**Keywords:** teaching geography; libertarian education; Ferrer y Guardia; Elisée Reclus; Piotr Kropotkin.

## **1 Introdução**

As práticas pedagógicas libertárias possuem como momento histórico a Europa do final do século XIX. O pensamento filosófico estava em transição do dogmatismo medieval para o

---

<sup>1</sup> Licenciando em Geografia no Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: rodrigobrindes@gmail.com

<sup>2</sup> Docente no Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: vera.r@uninter.com

positivismo e iluminismo incipientes na sociedade moderna. As economias dos países, principalmente os europeus, também passavam por grandes mudanças, de uma economia de base mercantilista para a industrial. Surgem assim as grandes massas de trabalhadores assalariados, advindos principalmente do campesinato e do artesanato de ofício, que foram impelidos a vender sua força de trabalho aos detentores dos meios de produção industrial para ganharem seu sustento. As condições de trabalho eram extremamente precárias, as jornadas de trabalho extenuantes e a remuneração indigna.

A Escola Moderna foi fundada dentro desse contexto, em 1901, e tinha como proposta educativa o racionalismo científico e os ideais libertários, entendidos como fundamentais para a libertação dos indivíduos das condições de opressão física, psicológica ou financeira. A Escola Moderna pretendeu fomentar uma nova humanidade mais justa e igualitária, por meio de uma educação libertadora e livre dos preconceitos religiosos, estatais e da opressão do capital. Com o estudo das práticas, na disciplina de geografia da Escola Moderna, pretendemos conhecer os principais pensadores em educação dessa corrente, aspirando incentivar os educadores contemporâneos para o uso de práticas libertadoras em suas rotinas diárias de docência.

O método de pesquisa utilizado foi o Hipotético Dedutivo, baseado em pesquisas bibliográficas. A metodologia escolhida pretende analisar, refutar ou validar a hipótese de que as práticas educativas da disciplina de geografia na Escola Moderna se alinhavam aos princípios filosóficos das correntes anarquistas da época.

De acordo com Codello (2007), um dos principais pensadores do movimento pedagógico libertário é Willian Godwin. Codello (2007) afirma, em sua obra Intitulada “A Boa Educação”, que Godwin foi o primeiro pensador a estruturar um quadro sobre o antiautoritarismo em uma sociedade liberta de vínculos jurídicos e políticos. Ainda segundo esse autor, as teorias de Godwin, superam a visão determinista de Jean-Jacques Rousseau, direcionando seus estudos para uma visão mais moderna e integral do desenvolvimento da personalidade em termos evolutivos.

Godwin posiciona-se contrário ao sistema escolar estatal, por entender que dessa forma a educação torna-se política, doutrinando as mentes dos estudantes segundo os valores do Estado, impedindo o desenvolvimento livre e racional do indivíduo (Codello, 2007). Ainda de acordo com Codello (2007), uma das premissas mais relevantes da obra de Godwin é a proposição de que o fim maior da educação é provocar a felicidade, já que se individualmente formos todos felizes, conseqüentemente a sociedade também o será. Assim, a educação de um indivíduo deve visar assistir aos outros, entendendo não existir felicidade fora da autoaprovação

e da compreensão dos outros. Portanto, indivíduos devem ser educados, primeiramente para serem felizes e posteriormente para serem virtuosos e úteis, entendendo a virtuosidade e a utilidade social como sinônimos.

Segundo Codello (2007), Godwin foi um pensador que contestava a máxima positivista de Darwin e sua teoria evolutiva baseada na competição. Defendia, que se as espécies sobrevivem e se perpetuam, é por conta de se apoiarem mutuamente. Ou seja, os indivíduos tendem a ajudarem-se para superar dificuldades existenciais, seja na forma irracional como racional. Piotr Kropotkin, geógrafo Russo, identificado com as pautas libertárias, que prestou serviço ao estado russo em remotos pontos do sul desse território, desenvolveu estudos e observações para corroborar as ideias de Godwin sobre o apoio mútuo. Kropotkin e Elisée Reclus (1830 a 1905), também identificado com o ideário anarquista, contribuíram com o desenvolvimento da disciplina de geografia na Escola Moderna.

Conforme Codello (2007), nesse século afirmavam-se visões de certa forma antagônicas de cultura, tais como o idealismo e positivismo, individualismo e coletivismo, romantismo e materialismo, nacionalismo e internacionalismo, revolução e conservação, liberalismo e socialismo, sendo esse o século das contradições, das divergências, da dialética e do contraste.

Esta é uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório, que pretende, com a análise teórica, identificar os pontos convergentes entre a teoria anarquista de educação e os fundamentos metodológicos da geografia na Escola Moderna, identificando seus principais influenciadores.

## **2 Metodologia**

O método empregado na pesquisa foi o Qualitativo Bibliográfico, cabendo aqui alguns esclarecimentos sobre o material teórico utilizado. Pesquisando inicialmente o termo anarquismo na internet, foi feito um levantamento prévio do que havia disponível sobre o ensino da geografia com viés libertário e, após essa análise inicial, foram coletadas as informações sobre autores e fontes para buscar análises científicas sobre o tema.

As principais fontes bibliográficas utilizadas foram: a Biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), livros da biblioteca pessoal do aluno, bem como artigos científicos e teses disponibilizados em *sites*. Os principais livros utilizados da biblioteca da Unisinos foram “A Boa Educação, Experiências Libertárias, de Godwin a Neil, Volume 1 a Teoria” de Francesco Codello e “Educação Libertária” de Mikhail Bakunin, entre outros. Da biblioteca pessoal do aluno foram utilizados “A Escola Moderna” de Ferrer Y Guardia,

“Anarquia pela Educação” de Elisée Reclus e “Escritos sobre Educação e Geografia” de Elisée Reclus e Piotr Kropotkin. Os *sites* pesquisados e seus repositórios de artigos foram o Instituto de Teoria e História Anarquista (ITHA) e a Biblioteca Terra Livre.

### 3 Revisão bibliográfica

#### 3.1 O momento histórico

É importante, antes de mais nada, entendermos o momento histórico em que o pensamento anarquista, libertário e racionalista surgiu: o final do século XIX e início do XX, que Codello (2007) afirma ser o século das contradições, das divergências, da dialética e do contraste. Nesse período, os países do mundo desenvolvido, e aqui claramente a Europa e a Ásia, despontam como nações transitando de economias mercantilistas — sustentadas pela exploração de suas colônias, com seus governos monárquicos e grande poder da Igreja católica —, para uma organização social alicerçada na produção industrial de escala crescente e na acumulação do capital.

Nesse cenário, os estudos filosóficos e científicos passam a ter grande relevância para o entendimento da sociedade incipiente. Na filosofia, o ideário Iluminista do filósofo alemão Emanuel Kant se destaca, sendo uma das premissas científicas que criaram as condições sociais para o início do processo de industrialização e acumulação de capital. Resumidamente podemos entender o Iluminismo, como a utilização da razão humana como forma de entender e se relacionar com o mundo ao nosso redor, a produção científica e o método científico passam a ser as ferramentas válidas para entendimento e atuação na nova realidade social emergente (Cassirer, 1997).

Outro pensador naturalista fundamental para o entendimento desse momento histórico é o britânico, geógrafo e biólogo Charles Darwin, que nas ciências naturais, com seu estudo “A Origem das Espécies” e seu conceito de “Seleção Natural”, concluiu que na natureza as espécies estão constantemente em disputa por alimentos e território, ou por qualquer recurso que lhes dê vantagem sobre outra espécie. Portanto, as espécies estão constantemente competindo para subjugar as demais, dessa forma a mais apta nessa disputa ficaria com os recursos para se tornar cada vez mais dominante, crescendo e prevalecendo sobre as demais. Esse estudo causou grande impacto no pensamento moderno, sendo extrapolado da esfera natural para a social e sendo utilizado por Karl Marx no desenvolvimento de sua teoria das lutas de classe.

Segundo Codello (2007), um dos fundadores do pensamento antiautoritário foi o Inglês Wilian Godwin, considerado o primeiro pensador a oferecer um quadro estruturado do

antiautoritarismo. Embora pessoalmente nunca tenha se classificado como um anarquista, Godwin influenciou os mais notáveis pensadores libertários, de Max Stirner a Mikhail Bakunin, de Piotr Kropotkin a Leon Tolstói.

Dentro da nova lógica da época, de produção industrial em escala e acumulação de capital, pontua Codello (2007), a classe camponesa se viu compelida a vender sua força de trabalho para as indústrias em troca de um salário, porém era submetida a condições de vida e trabalho desumanas, fruto da precariedade social e econômica aos quais estava exposta. O debate desses trabalhadores, organizados em sindicatos ou não, foi importante na estruturação do movimento anarquista. A gênese anarquista contou com os movimentos sociais de trabalhadores e intelectuais inquietos, que questionavam a lógica capitalista crescente. Feitas essas colocações, que visam nos situar no contexto da sociedade da época, podemos seguir no entendimento da filosofia anarquista, racionalista e libertária no que diz respeito à educação.

### 3.2 O anarquismo e a educação

Segundo Luizeto (1989), na apresentação da obra “Educação Libertária”, impressa e traduzida no Brasil nesse ano, o movimento anarquista se desenvolve em torno de três grandes temas: o questionamento da ordem social existente, o projeto dessa ordem e o processo capaz de fundá-la.

Segundo o professor Felipe Correa, coordenador do Instituto de Teoria e História Anarquista, o anarquismo é definido como uma ideologia da corrente do socialismo revolucionário, porém difere da doutrina socialista defendida por Karl Marx. Os anarquistas eram intransigentes na defesa da liberdade, portanto se posicionavam contrários a qualquer tipo de dominação, seja ela do Estado, da religião ou do capital. Já para a corrente socialista ligada às ideias de Karl Marx, deveria haver um governo de transição encarregado de planejar, orientar e conduzir o processo de construção de uma nova sociedade.

Ainda sobre o Anarquismo, o Professor Felipe Correa explica que ele seria como um corpo de princípios político-ideológico com três grandes eixos de sustentação: a crítica a qualquer tipo de dominação, a defesa da autogestão e as estratégias de atuação para realizar. Salienta, também, que o movimento anarquista nasce dos questionamentos de filósofos e estudiosos da época, mas também dos movimentos populares, que veem nessa proposta uma forma de superar as crescentes desigualdades da sociedade moderna.

Luizeto (1989), na introdução do livro “Educação Libertária”, afirma que entre as diferentes correntes socialistas, os anarquistas são os que dedicaram mais atenção à educação,

pois acreditavam na capacidade da razão como forma de transformação social, vencendo preconceitos criados pela ignorância, pela superstição e por uma educação posta a serviço das classes dominantes.

Segundo Luizeto, a educação integral defendida por Paul Robin, um dos grandes pedagogos anarquistas da época, caracteriza-se por um sentimento profundo de igualdade e do direito que cada homem tem, independentemente das circunstâncias de seu nascimento, de desenvolver, de forma mais completa possível, todas as suas faculdades físicas e intelectuais. Percebemos que a educação é uma das ferramentas de grande importância na revolução pretendida pelos anarquistas, pois seria o instrumento da mudança.

A educação libertária, conforme Codello (2007), se sustenta na forte convicção de que não é conferida nenhuma forma de liberdade sem relações concretas de liberdade, de que não existe nenhuma educação libertária possível sem contemplar uma integração entre o respeito e a difusão da especificidade individual por meio de uma relação social igualitária.

Luizeto (1989) afirma que o ensino antiautoritário tem como objetivo final que as crianças sejam donas de sua própria vida, que não se deixem oprimir ou explorar. Elas precisam entender que não se deve obediência cega ao professor, como tampouco se deve essa obediência às autoridades sociais. O autor nos fala que existem divisões sobre esse tema dentro da corrente, alguns defendendo que nada deve ser imposto à criança, que ficaria totalmente livre para desenvolver seus próprios interesses e opções sociais, inclusive correndo o risco de que essas opções sejam contrárias ao ideário libertário.

A outra corrente, na qual estava a escola de Ferrer y Guardia, vê na educação antiautoritária um processo no qual se fomenta o espírito de rebelião das crianças, lhes ensinando a enfrentar o sistema social injusto em que nasceram. Tal postura levou correntes contrárias a acusá-los de doutrinar mais do que educar as crianças. Sendo bem verdade, como salienta Luizeto (1989), que Ferrer não deve ser considerado um anarquista, embora seu trabalho pedagógico seja bastante considerado nos meios anarquistas, ele esteve em contato com as experiências de Paul Robin, pedagogo anarquista bastante respeitado, pioneiro no pensamento de uma educação integral.

Piotr Kropotkin, segundo Luizeto (1989), é o pensador anarquista que mais dedicou atenção para o trabalho desigual, que dividia as pessoas entre trabalhadores braçais e intelectuais. Ele não negava a necessidade da especialização, porém a mesma deveria vir depois de uma educação geral, em que fosse incluída tanto a ciência como os trabalhos braçais, fomentando a formação do indivíduo de forma completa.

A educação libertária contemplou inúmeras vertentes e experiências práticas, algumas inclusive ocorreram no Brasil, nas cidades de Porto Alegre, Santos, Sorocaba, Teófilo Ferreira, Franca, São Caetano e São Paulo. Porém, como Moraes (2013) enfatiza, essas vertentes foram riscadas da história da educação brasileira devido a seus propósitos políticos contrários às forças econômicas hegemônicas da época.

### 3.3 Os geógrafos

#### 3.3.1 Piotr Kropotkin

O russo Piotr Kropotkin foi um dos mais respeitados anarquistas de seu tempo, sendo sua principal contribuição a ratificação das ideias de Godwin sobre a cooperação, ao invés da competição, como fator propulsor do desenvolvimento pleno do indivíduo. A teoria do apoio mútuo desenvolvida por Kropotkin foi aprimorada em experiências em terras longínquas da Rússia, enquanto servia ao exército russo. Observando e pesquisando a fauna local, submetida a situações extremas de clima, ele concluiu que a cooperação era a forma de garantir a sobrevivência.

Com Kropotkin, a ideia da instrução integral torna-se principalmente uma oportunidade para exaltar, não apenas no âmbito educativo, a diversidade natural, transformando-a, de elemento de fundação da desigualdade, em riqueza e pluralidade (Codello, 2007, p. 137).

Na concepção de Kropotkin, educação e solidariedade são indissociáveis, assim como natureza e sociedade. Codello (2007) coloca que, pela formação de geógrafo, Kropotkin adota uma concepção revolucionária em seus escritos, porém não uma revolução como um movimento insurrecional:

A revolução é mais que a destruição de um regime. É o despertar da inteligência humana, do espírito inventivo decuplicado, centuplicado; o início de uma nova ciência (...) É uma revolução dos espíritos, mais ainda que das instituições (...). E a Revolução o fará (Kropotkin, 1921, p. 187, *apud* Codello, 2007, p. 139).

Podemos observar mais uma vez a preocupação Kropotkiana com uma ideia de revolução mais ampla e iluminista:

A emancipação completa e a liberdade individual realizam-se somente a partir do conhecimento e da valorização da diversidade, vista e interpretada como um recurso irrenunciável do qual a sociedade libertária não pode absolutamente privar-se (Codello, 2007, p. 141).

Segundo Codello (2007), não existem exposições bem estruturadas e sistemáticas da pedagogia nos escritos de Kropotkin, todavia, além da valorização do conceito de diversidade natural, emerge na obra do pensador a evidente hipoteca igualitária em relação às várias possibilidades a que o ser humano, sem divisão de classes, ou de qualquer natureza, tem direito de perseguir. Seu artigo original, de 1885 — publicado na coletânea “Escritos sobre Educação”, intitulado “O que a Geografia deveria ser” —, serviu de referência à geografia do movimento libertário. Nesse escrito, Reclus e Kropotkin (2011) definem a Geografia como a ciência que recolhe as leis e descobertas de outras ciências, relaciona esse conhecimento, compreende suas ações mútuas e consequências ao planeta. Salientam ainda que o rápido avanço de todas as ciências é um atrativo significativo aos métodos de descrição da natureza, que passavam por uma profunda modificação.

Nesse mesmo escrito, Kropotkin (2011) sugere que os educadores de geografia foquem suas abordagens em temas que sejam atraentes aos jovens, tais como viagens, livros de aventura, histórias de superação e enfrentamento dos fenômenos naturais. Sugere, ainda, que essas histórias possibilitem a descoberta, de forma independente e movida pela curiosidade juvenil, e o aprimoramento dos questionamentos e estudos sobre a natureza, estimulando o raciocínio científico e o gosto pelas ciências naturais.

Sugere, também, que o professor de geografia ratifique em seus ensinamentos a irmandade entre os seres humanos, seja qual for a nacionalidade, ou condição diversa, sendo o ensino da geografia um meio de dissipar todos os tipos de preconceitos, que normalmente desembocam em guerras de sentimento nacionalista e ódio, sustentado por pessoas que perseguem seus próprios interesses econômicos de classe. Afirma que o ensino da Geografia deve perseguir um triplo objetivo: despertar nos estudantes o gosto por todas as ciências naturais; o valioso ensinamento de que todos os homens são irmãos; e o respeito às culturas diferentes, independentemente de suas avaliações do que possa parecer uma sociedade desenvolvida ou uma conduta aceitável.

### 3.3.2 Elisée Reclus

Elisée Reclus foi outro eminente geógrafo alinhado aos ideais libertários, que, segundo Codello (2007), entendia a educação libertária em uma simbiose com a natureza humana e a geoambiental. Ele exaltava a natureza nos aspectos fundamentais da identidade humana, colocando em evidência a necessidade de uma ciência fortemente ligada a uma interpretação ética do desenvolvimento histórico e social. A educação seria a forma de favorecer essa

simbiose entre natureza e identidade humana, favorecendo uma profunda e natural libertação humana. Sua obra enaltece a superação da dependência mágica da natureza, não apenas por meio da educação, mas pelo pleno conhecimento da natureza/homem, ou seja, o ser humano como integrante indissociável do meio natural.

Codello (2007) ainda afirma que Reclus pode ser considerado o fundador da moderna geografia social, interligando a realidade histórica à natural. Para esse pensador, a sociedade anarquista seria aquela que substitui leis históricas e artificiais do poder pelas naturalmente espontâneas da sociabilidade humana. Segundo o autor, Reclus também não produziu nenhum grande tratado sobre a educação, transparecendo seu pensamento pedagógico em textos mais generalistas ligados à geografia e à política.

Ainda segundo Codello (2007), Kropotkin, exilado nos Estados Unidos no ano de 1853, ao escrever uma carta a seu irmão sobre os problemas da educação americana, transparece claramente suas convicções libertárias:

Deixada sozinha, a criança, (...); começa das ideias mais verdadeiras e filosóficas e desenha em primeiro lugar o tronco, depois os ramos e, em seguida, as folhas, mas o homem que instrui a criança, começa pelo outro extremo, prende-se à forma, à aparência exterior e dirige-se de fora para dentro, ensina-lhe os nomes e esquece das coisas, enquanto a natureza ensina as coisas e esquece-se dos nomes (...) (Reclus, 1853, p. 276, *apud* Codello, 2007, p. 193).

De formação naturalista, ele dedica grande parte de sua vida à observação e estudo dos homens e seus ambientes, propondo que a vida real seja diversa daquela descrita nos livros.

Nenhuma descrição, ainda que bela, pode ser verdadeira, pois não pode reproduzir a vida da paisagem (...); para conhecer é necessário ver (Reclus, 1855, p. 109, *apud* Codello, 2007, p. 193).

A ciência deve ser algo vivo; caso contrário, não passa de ciência escolar miserável (...) A grande arte do professor, tanto de geografia como de qualquer outra ciência, consiste precisamente em saber mostrar tudo completamente e de vários e infinitos pontos de vista, a fim de conservar sempre o espírito estimulado e facilitar incessantemente novas conquistas (Reclus, 1874, p. 280, *apud* Codello, 2007, p. 196).

Segundo Codello (2007), o interesse de Reclus pela pedagogia fundamenta-se em teorias científicas da geografia social, influenciado por ideias positivistas, e tem seu esforço científico em descobrir as leis naturais que governam a história dos homens e das civilizações.

### 3.4 O ensino da geografia na escola moderna.

Esse capítulo tem como base de consulta o livro *A Escola Moderna*, escrito pelo próprio Ferrer y Guardia, em publicação póstuma — publicado originalmente em 1912, traduzido e publicado no Brasil em 2014 pela Biblioteca Terra Livre.

Ferrer y Guardia nessa obra, pela transcrição de uma carta trocada entre ele e Elisée Reclus, questionando sobre as aulas de geografia na escola, recebe engajada contribuição às práticas da disciplina. Reclus *apud* Guardia (2014) afirma que a ciência moderna comparada à escolástica da idade média pode ser resumida como a “volta à natureza” e, para existir aprendido, é necessário antes a compreensão. Ao invés de raciocinar sobre o inconcebível é necessário ver, observar e estudar o que se encontra ao alcance de nossa vista, de nossos sentidos e de nossa experimentação.

Para o estudo da superfície terrestre, pontua Reclus *apud* Guardia (2011), convém proceder pela visão e pela observação direta. Isso contraria o ensino escolástico que era promovido nas escolas da época, em que o professor pediria ao aluno um ato de fé, pronunciado ainda em termos cujo sentido não domina — decoram-se nomes de rios, cidades, relevos, mas não conseguem referir a esses nomes nenhuma realidade precisa, pois os educadores não lhe apresentaram concretamente nenhuma das coisas que falam.

Seria mais didático, conforme Reclus (2011), trabalhar com a realidade palpável no dia a dia dos alunos, como a rua onde está a escola, os riachos e as poças de água que se formam ao redor pelas chuvas. Sugere, assim, passeios e conversas, levantadas pela visão dos objetos e das paisagens, considerando as características naturais de cada região, usando as linguagens que melhor se identifiquem com a realidade natural do local estudado e possibilitando a comparação com outros locais diversos.

Destaca que esses passeios e excursões devem ter o mesmo cuidado com o método que o estudo comum exige, porém, tomando cuidado para não cair no pedantismo, pois antes de tudo a criança deve encontrar nas atividades escolares a sua alegria. Cedo ou tarde, as crianças estarão inseridas no que define como prisão escolar, conduzida por livros e doutrinas da instrução pública, diminuindo a original definição da palavra escola, de origem grega (significando recreio ou festa).

Guardia (2014), em seu questionamento feito em 1903 ao Instituto Geográfico de Bruxelas, solicitando indicação de um livro-texto para o ensino da Geografia na Escola Moderna, recebeu a resposta de Elisée Reclus com a informação de que não haveria livro para o ensino da Geografia para as escolas primárias. O argumento era que todos estão impregnados pelo veneno religioso, pelo patriótico ou, o que considerava ainda pior, pela rotina administrativa.

Guardia (2014) advoga que a escola Moderna tem como missão fazer com que os meninos e meninas que estudem nela se tornem pessoas instruídas, verdadeiras, justas e livres de qualquer preconceito. O estudo dogmático seria substituído pelo estudo racionalizado das ciências naturais, estimulando, desenvolvendo e dirigindo as aptidões próprias de cada aluno. O objetivo é que, pelo entendimento de seu próprio valor individual, não apenas o aluno seja um membro útil da sociedade, mas que, conseqüentemente, elevasse proporcionalmente o valor da coletividade, promovendo os verdadeiros deveres sociais: “Não há deveres sem direitos; não há direitos sem deveres” (Guardia, 2014, p. 37).

#### **4 Considerações finais**

Segundo Gallo (2013), a Escola Moderna foi uma experiência de grande repercussão naquela sociedade. Funcionou apenas entre 1901-1902 e 1905-1906, fechada compulsoriamente pelo governo espanhol no ano de 1906. Todo seu material foi confiscado e destruído, o mesmo aconteceu com a editora que publicava os seus livros. Ainda segundo o autor, a semana de 26 de julho a 2 de agosto de 1909 foi de grandes revoltas populares na Espanha, houve saques a estabelecimentos, igrejas e conventos foram destruídos. Uma revolta generalizada da classe operária contra a burguesia, a igreja e o estado monárquico. Ferrer y Guardia foi considerado o mentor intelectual da doutrina educacional racionalista e anarquista, responsabilizado pelo fomento de ideias revolucionárias. Ferrer é fuzilado no ano de 1909. Em 1911, é inocentado das acusações pelo governo espanhol.

Embora, a maioria dos adeptos do anarquismo se declarem pacifistas e imaginem a revolução não necessariamente como um movimento insurrecional e sim cultural e educacional, existe uma corrente minoritária que considera válida a insurreição. O que explica a difusão no senso comum da associação do anarquismo à violência. Esse entendimento permanece até hoje e é sustentado pela desinformação.

Conclui-se que o ensino da geografia na Escola Moderna tinha forte caráter naturalista e científico, porém sem deixar de lado um forte senso de humanidade e respeito às diferenças entre os homens. Também foi possível observar que na Escola Moderna a disciplina de Geografia foi orientada pelas ideias dos geógrafos Elisée Reclus e Piotr Kropotkin. Porém, não foi possível encontrar na pesquisa efetuada um maior detalhamento e sistematização da práxis da disciplina de Geografia. Talvez porque era consenso dos geógrafos anarquistas que a Geografia devia ser ensinada em campo e não em sala de aula, analisando em conjunto a natureza e o ser humano, sem um roteiro ou práticas pré-estabelecidas. No entanto, o que

encontramos ao longo da pesquisa foram direcionamentos para a prática da docência da disciplina. Esses direcionamentos são evidenciados, principalmente, na transcrição de cartas trocadas entre Ferrer y Guardia e Elisée Reclus no livro “A Escola Moderna”. Se destacam entre essas práticas as aulas ao ar livre de análise da paisagem, aproximando o conhecimento da realidade vivida pelos alunos.

Atualmente, os trabalhos de campo e o foco nas situações próximas da realidade do aluno já são práticas recomendadas em nossas escolas, tanto para a geografia quanto para outras disciplinas. Embora a valorização dessas práticas soe como “coro” dentro das escolas, na verdade, são colocadas em prática de forma esporádica e, muitas vezes, descontextualizada. Na verdade, no ideal anarquista, a disciplina de Geografia e seu currículo seriam construídos pelo aluno e professor ao longo do aprendizado. A existência de um currículo pré-determinado seria rejeitada pelos anarquistas, pois entendiam que são os alunos e seu olhar curioso que serviriam de roteiro para que o conhecimento científico fosse acessado.

Assim, esclarecidos os pontos fundamentais da doutrina e seu reflexo nas aulas de geografia da Escola Moderna, fica como contribuição a possibilidade de que cada vez mais estudantes e pesquisadores, estimulados pelos ideais libertários, considerem o aprofundamento dos estudos de uma possível sistematização de práticas relacionadas à disciplina de geografia, objetivando assim o fomento de uma sociedade mais justa e igualitária.

## Referências

BAKUNIN, M. *et al.* **Educação Libertária**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1989.

BIBLIOTECA TERRA LIVRE. Disponível em: <https://bibliotecaterralivre.noblogs.org/>  
Acesso em: 1 jun. 2023.

CASSIRER, E. **A filosofia do Iluminismo**. Campinas: Editora UNICAMP, 1997.

CODELLO, F. **A boa educação, experiências libertárias, de Godwin a Neil**, v. 1, A teoria. São Paulo: Ícone Editora, 2007.

CORREA, F. **Você sabe o que é Anarquismo?** Disponível em:  
<https://youtu.be/reNW8f3AZII?si=iO1r0AE4tMUK-gyN>. Acesso em: 1 jun. 2023.

GALLO, S. Franciso Ferrer y Guardia: O mártir da Escola Moderna. **Pro-Posições**, v. 24, n. 2 (71), p. 241-251, maio/ago. 2013. DOI: [doi.org/10.1590/S0103-73072013000200015](https://doi.org/10.1590/S0103-73072013000200015).  
Disponível em: [https://www.scielo.br/j/pp/a/3kHwprRFfcBXb4HvKGFgD9s/\\_](https://www.scielo.br/j/pp/a/3kHwprRFfcBXb4HvKGFgD9s/_) Acesso em: 9 jan. 2024.

GUARDIA, F. Y. **A Escola Moderna**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2014.

INSTITUTO DE TEORIA E HISTÓRIA ANARQUISTA, 1903. Disponível em: <https://ithanarquista.wordpress.com/>. Acesso em: 1 jun. 2023.

LUIZETTO, F. Apresentação. *In*: MORIYÓN, F. G. (Org.). **Educação libertária**. Porto Alegre: Artmed, 1989.

MORAES, C. S. V. **Educação Libertária no Brasil**. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013.

RECLUS, E. **Anarquia pela Educação**. São Paulo: Ed. Hedra., 2011.

RECLUS, E.; KROPOTKIN, P. **Escritos sobre Educação e Geografia**. São Paulo: Editora Terra Livre, 2011.